



# Paisagens humanas

*Paisajes humanos*

*Human landscapes*

***Márcia Sandoval Gregori***

*Pós-doutoranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo (FAU USP) e pesquisadora do Grupo  
Museu/Patrimônio (GMP). marciagregori@hotmail.com*

## Resumo

Ensaio visual intitulado *Paisagens humanas*, trabalhos poéticos feitos com técnicas pictóricas aguadas que mostram um percurso investigativo-prático inspirado nas pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo. Personagens tratadas como descarte, trapos e restos, alegada feiura que socialmente nos recusamos a encarar, desnudam a fragilidade e perversidade do sistema vigente. Os registros e criações propõem ao observador um tempo mais lento, ou outro ato, curiosidade e dedicação que permitam um passeio pela obra, um ver além, a fim de vislumbrar camadas e figuras, sintomas sociais que requerem reflexão e novas práticas. Transfigura-se a realidade horrível em realidade poética em convite ao pensamento e a ações em direção ao caminho inverso, à despersonalização e à quebra de ideias preconcebidas e pré-formuladas.

**Palavras-chave:** São Paulo. Paisagem. Sintomas sociais. Nanquim. Técnicas úmidas.

## Resumen

Ensayo visual titulado *Paisajes humanos*, obras poéticas realizadas con técnicas pictóricas acuáticas que muestran un camino investigativo-práctico inspirado en la gente que vive en las calles de la ciudad de São Paulo. Personajes tratados como descarte, harapos y sobras, supuestas fealdades que socialmente nos negamos a enfrentar, exponen la fragilidad y perversidad del sistema actual. Los registros y creaciones proponen al espectador un tiempo más lento, u otro acto, curiosidad y dedicación que permiten un recorrido por la obra, una mirada más allá, para vislumbrar capas y figuras, síntomas sociales que requieren reflexión y nuevas prácticas. La horrible realidad se transfigura en realidad poética, invitando al pensamiento y a la acción hacia el camino opuesto, despersonalizando y rompiendo ideas preconcebidas y preformuladas.

**Palavras-chave:** São Paulo. Paisaje. Síntomas sociales. Nannim. Técnicas húmedas.

## Abstract

Visual essay entitled *Human Landscapes*, poetic works made with watery pictorial techniques that show an investigative-practical path inspired by people living on the streets in the city of São Paulo. Characters treated as discard, rags and leftovers, alleged ugliness that we socially refuse to face, expose the fragility and perversity of the current system. The records and creations propose to the viewer a slower time, or another act, curiosity and dedication that allow a tour of the work, a look beyond, in order to glimpse layers and figures, social symptoms that require reflection and new practices. The horrible reality is transfigured into poetic reality, inviting thought and actions towards the opposite path, depersonalization and breaking down preconceived and pre-formulated ideas.

**Palavras-chave:** São Paulo. Landscape. Social Symptoms. Nankin Ink. Wet techniques.

## CAMINHOS INVERSOS: REFLEXÕES POÉTICAS NA PANDEMIA

*As coisas jogadas fora  
têm grande importância  
— como um homem jogado fora*

*Aliás é também objeto de poesia  
saber qual o período médio  
que um homem jogado fora  
pode permanecer na terra sem nascerem  
em sua boca as raízes da escória*

*As coisas sem importância são bens de poesia*

Manoel de Barros, *Matéria de poesia*, 2019 [1974]

**A**presento, neste ensaio visual, imagens poéticas originadas de conteúdos fotográficos desenvolvidos em minha pesquisa de pós-doutorado<sup>1</sup>. Elaborou-se uma série, intitulada *Paisagem humana*, composta por pinturas em nanquim da cidade de São Paulo, nas quais pessoas marginalizadas socialmente, seus pertences e suas ações são os protagonistas. Trata-se de experimentações imagéticas cuja etapa anterior, fotográfica, foi mostrada em artigos precedentes, nas quais reitera-se a

---

<sup>1</sup> Pesquisa intitulada *Percursos: narrativas cotidianas da cidade*, supervisionada pela Profa. Dra. Titular Sênior Maria Cecília França Lourenço, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP).

potência da imagem na comunicação e transformação, muito além da exclusiva experiência estética, visto que forma e conteúdo mesclam-se indissociavelmente, como bem pontua o filósofo Georges Didi-Huberman em *Cascas* (2017).

Neste fazer, a envolver práticas e reflexões, procurou-se caminhar em muitas direções inversas. Se velocidade e excesso de produção/consumo/descarte são marcas da atualidade, na qual se debate a ideia de que o planeta entrou em nova era, por alguns denominada Antropoceno<sup>2</sup>, eleger mulheres e homens "lentos"<sup>3</sup>, ou seja, mirar nas pessoas tratadas como resto social, personagens e pertences esparramados pelo chão como trapos<sup>4</sup> descartáveis e contraproducentes – daí sua lentidão relativa – significa pensar o modelo dominante como algo mal-arrumado, além de uma estrutura agonizante, tanto em termos humanos quanto ecológicos (como se fosse possível se pensar numa ecologia da qual os seres humanos sejam excluídos) e eleger uma direção contrária como alternativa transfiguradora.

É testemunhar, apesar das belas construções arquitetônicas, das grandes obras de engenharia e avanços tecnológicos concebidos e materializados pela humanidade, um ciclo criador não sustentável, porque fluxo produtivo que engendra o descarte de milhares de pessoas tratadas como objetos desnecessários, excedentes, supérfluos.

---

<sup>2</sup> Nova era geológica, que sucede o Holoceno iniciado há cerca de 11 mil anos. O Antropoceno se inicia por volta de 1800, momento em que as mudanças globais, decorrentes da ação dos seres humanos sobre a Terra, teriam impactado permanentemente o planeta e causado desequilíbrios que podem ser fatais para a humanidade. Segundo filósofos, ativistas e lideranças que debatem a questão, como Bruno Latour (2020) e Ailton Krenak (2020), a reversão deste quadro dependeria de ações políticas nas mais variadas escalas (desde a individual até a global) que pudessem barrar a transformação profunda do meio-ambiente e a conseqüente destruição da vida humana sobre a Terra.

<sup>3</sup> Segundo Milton Santos, a humanidade acreditou por séculos que "os homens mais velozes detinham a Inteligência do Mundo". Para o geógrafo, por outro lado, os homens lentos não podem seguir em fase com esse imaginário perverso, fabulações que aprisionam ricos e classes médias, porque dele foram excluídos. Ao escapar dessa armadilha, continua o autor, "são os pobres que, na cidade, mais fixamente olham para o futuro". (2017, p.324-5).

<sup>4</sup> Ou *Lumpen*, como assinalado por Walter Benjamin tanto no texto *O narrador* quanto em outros ensaios em que fala dos colecionadores e narradores. Neste sentido, as fotografias tiradas da cidade e as imagens em nanquim na qual se desdobraram podem ser vistas como uma atividade de colecionar trapos e restos, de olhar para o que não se deseja, o que está deslocado, desalojado, deslegitimado.

Esse alegado lixo se torna, aqui, matéria de trabalho, tarefa que consiste em expressar diversos níveis imagéticos de significação em composições feitas com aquarela e/ou aguadas de nanquim, como se exporá mais adiante no ensaio.

O objetivo é apresentar nas páginas seguintes não apenas o resultado final obtido, mas o processo praticado para se chegar às imagens, desde a escolha, trabalho de síntese e interação com o acaso no pintar com técnicas aguadas. Prestigiar o encadeamento, procedimentos, implica seguir na direção inversa à valorização dos objetos finalizados, bem-acabados, polidos e bem-embalados para consumo rápido e descarte imediato. Filia-se à lentidão, ao deleite do percurso, atividade que está mais rara e dificultada há mais de um ano em função do combate à pandemia da Covid-19.

O enfrentamento global, mais acentuado e efetivo em alguns locais do que em outros, escancarou e aprofundou ainda mais as cisões sociais que já existiam no país, e particularmente em São Paulo, retratada nas fotos já publicadas e em outras arquivadas. Algumas delas, inclusive, foram feitas pouco antes do isolamento social iniciado na cidade em 13 de março de 2020. Quem antes podia circular mais livremente pela cidade, pessoas cuja possibilidade de cidadania é maior, portanto, foram, paradoxalmente, aquelas que puderam realizar praticamente todas as suas atividades de maneira remota.

No lado oposto dessa desequilibrada balança, muitas pessoas ficaram sem renda, sem comida para se alimentar e sem casa para morar, fazendo das calçadas, baixios de viadutos, praças e canteiros sua morada<sup>5</sup>. Tornaram-se paisagens cada vez mais frequentes na cidade. Embora continuem pouco vistas e pouco consideradas, seja

---

<sup>5</sup> Sem dados estatísticos recentes, a percepção do aumento de pessoas em situação de rua é corroborado por projeções do pesquisador Marco Natalino (2020), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que fez uma análise baseada em dados do Cadastro Único e mostrou que entre setembro de 2012 e março de 2020 o número de pessoas em situação de rua no Brasil passou de cerca de 90 mil para mais de 220 mil. Esse crescimento deveu-se ao aumento do desemprego e da pobreza (no final de 2020 eram 13,4 milhões de brasileiros desempregados) e segundo ele se agravaria com a pandemia. Para o padre Júlio Lancelotti, coordenador da Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo, os números oficiais, que registravam cerca de 25 mil pessoas nesta situação na cidade de São Paulo em janeiro de 2020, estão abaixo do real e aqueles atendidos nos centros de convivência e atendimento mais que dobraram durante a pandemia (SATIE, 2021), com incremento sensível no número de mulheres e crianças nesse grupo. Reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 14 de abril de 2021 reitera que em janeiro de 2020 já havia mais de 30 mil pessoas nas ruas paulistanas. Também aponta para o aumento expressivo de mulheres, crianças e grupos familiares nesse universo anteriormente formado em mais de 80% por homens (MAIA, 2021).

por cegueira social ou pela menor circulação da rua, nem por isso são menos reais ou desimportantes.

Essas pessoas "descartadas" precisam ser vistas e avaliadas, em âmbito maior, como sintomas agudos de nossas (des)organizações econômico-sociais. É fundamental olhar para eles com especial atenção, pois dizem muito sobre o que somos enquanto coletividade, mas não queremos aceitar. O horror que nos causam não deve ser justificativa para ignorá-los, deixá-los de lado. Pelo contrário, olhar o horrível é necessário para que seja viável transfigurar o caminho de modo a inverter uma lógica perversa que se mantém alimentada por hábitos e práticas que apenas reiteram a lógica do lucro e do sucesso individual. Ou preferimos correr o risco de ver nascer em nossa boca as de raízes da escória dos versos do poeta?

O processo de trabalho me levou a construir imagens nas quais as figuras humanas se confundem com objetos, o chão, as caixas, os sacos e trapos de vestir... Mais do que paisagens a serem contempladas, são paisagens a serem descobertas, reveladas quando olhadas com mais vagar, com tempo e atenção, no sentido contrário ao consumo estetizado e imediatista, também diferente da contemplação extasiada de belezas naturais. Por meio de registros e criações proponho uma despersonalização, pois, ao deslocar o sentido original do tema, exigem o abandono do estado letárgico e anestesiado diante do incômodo dos sintomas – insistentes atos falhos, falsos equívocos emitidos descontroladamente que reaparecem quando não trabalhados – e do individualismo horrorizado que procura se distinguir – e assim eliminar – a desagradável realidade de outros seres humanos.

Procurei expressar os vários níveis de significação e temporalidade no processo de trabalho e nas camadas imagéticas de que são feitas as composições. Originadas do olhar fotográfico experimental que gerou imagens feitas no movimento do automóvel, os trabalhos poéticos operam com contrastes de claro/escuro, cheio/vazio e destacam-se pela economia de cores, em paleta muito reduzida, frequentemente monocromática enfatizando as paisagens retratadas, destacadas do fundo. Nas páginas a seguir são exibidas fotos e estudos iniciais e, na sequência, apresentam-se as imagens finais do projeto Paisagens Humanas.



Foto original (alto) Av. Vital Brasil, 27 de agosto de 2020, foto da autora. Estudo 1 (centro) e Estudo 2 (embaixo), aquarela sobre papel Etival Aquarela 200g, A5.



*Foto original (alto) Av. dos Bandeirantes, 10 de Maio de 2020, foto da autora. Estudo 1 (centro) aquarela sobre papel Etival Aquarela 200g, A5. Estudo 2 (embaixo), nanquim sobre papel Canson desenho 180g, A5.*





*Foto original (alto) Av. Ipiranga, 12 de Julho de 2020, foto da autora.  
Estudo 1 (centro) e Estudo 2 (embaixo), nanquim sobre papel Etival Aquarela 200g. A5.*



*Foto original (alto) Praça da República, 18 de Julho de 2020, foto da autora. Estudo 1 (centro) nanquim e caneta sobre papel Canson Aquarela 300g, A5. Estudo 2 (embaixo), nanquim e caneta sobre papel Canson Desenho 180g, A5.*



*Foto original (alto) Heitor Pentead, 12 de Julho de 2020, foto da autora.  
Estudo 1 (centro) e Estudo 2 (embaixo),  
nanquim e caneta sobre papel Canson Desenho 180g, A5.*



Fotos originais Rua Cayowaá (alto), 12 de Julho de 2020; Praça Ramos de Azevedo (centro), 18 de julho de 2020, fotos da autora; Estudo 1, nanquim e caneta sobre Papel Canson Montval 300g, 18x25cm.



Foto original Rua Boa Vista (alto), 18 de julho de 2020, foto da autora. Estudo 1, nanquim e caneta sobre Papel Canson Aquarelle XL 300 g, A5.



*Paisagem Humana I, Aguadas de nanquim e caneta sobre  
Papel Canson Aquarela 300g, A5. São Paulo, 2021.*



*Paisagem Humana II, Aguadas de nanquim e caneta sobre  
Papel Etival Aquarela 200g, A5. São Paulo, 2021.*



*Paisagem Humana III, Aguadas de nanquim e caneta sobre  
Papel Canson Aquarela 300g, A5. São Paulo, 2021.*





*Paisagem Humana IV, Aguadas de nanquim e caneta sobre  
Papel Etival Aquarela 200g, A5. São Paulo, 2021.*



*Paisagem Humana V, Aguadas de nanquim e caneta sobre  
Papel Canson Aquarelle XL 300g, A5. São Paulo, 2021.*



*Paisagem Humana VI, Aguadas de nanquim e caneta sobre  
Papel Canson Aquarela 300g, A5. São Paulo, 2021.*



*Paisagem Humana VII, Aguadas de nanquim e caneta sobre  
Papel Canson Aquarelle XL 300g, A5. São Paulo, 2021.*



*Paisagem Humana VIII, Aguadas de nanquim e caneta sobre  
Papel Canson Aquarelle XL 300g, A5. São Paulo, 2021.*

## CONCLUSÃO

O objetivo desse ensaio foi dar início a um novo caminho (caminho inverso?) no trato da indiferença social, por meio do olhar-ver. Ao mesmo tempo, apontar novas direções de pesquisa, nas quais a prática artística e a reflexão teórica tenham igual importância, e retomar ações que foram deixadas ao longo de minha trajetória. Essa direção contrária que se abre, na verdade, é um olhar para o futuro com vagar, mas também com persistência, de modo que seja possível não só vislumbrar possibilidades, mas construí-las sobre novas bases.

Objetos artísticos plásticos manifestam conteúdos que partem da visualidade e podem se desdobrar em muitas leituras, interpretações e conhecimento das realidades dadas. Do ponto de vista da proposta do trabalho aqui exposto, busquei comunicar com sutileza o complexo e difícil tema abordado, além de provocar o observador a reagir com posturas ativas e exploratórias. Resulta um elogio à poética que a lentidão enseja, uma busca de novos arranjos dessa complexidade material/imaterial, que é o espaço, nos quais também sejam contemplados conhecimentos sensíveis, menos racionalizados e ilusoriamente objetivos, reposicionando o pensamento crítico e o conhecimento acumulado pela humanidade sem, em nenhum momento, negligenciá-los ou negá-los.

## REFERÊNCIAS CITADAS

- BARROS, Manoel. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin: Obras escolhidas*. Vol 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.
- DIDI-HUBERMAN. *Cascas*. São Paulo: 34, 2017.
- LATOUR, Bruno. Imaginando gestos que barrem o retorno ao consumismo e à produção insustentável pré-pandemia. *ClimaInfo*, 03 abr. 2020. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2020/04/02/barrar-producao-insustentavel-e-onsumismo/> Acesso: 06 mai. 2020.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.
- MAIA, Dhiego. Prefeitura de São Paulo antecipa censo de sem-teto por causa da pandemia. *Folha de S. Paulo*, 14 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/04/prefeitura-de-sao-paulo-antecipa-censo-de-sem-teto-por-cao-da-pandemia.shtml>. Acesso em: 9 mai. 2021.
- NATALINO, Marco. *Estimativa da população em situação de rua no Brasil* (setembro de 2012 a março de 2020). Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/200612\\_nt\\_disoc\\_n\\_73.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf) Acesso em: 10 mai.2021.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2017.
- SATIE, Anna. Mais mulheres e crianças engrossam população de rua, diz padre Julio Lancelotti. *CNN Brasil*. 13 jan 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/13/especialistas-veem-aumento-de-populacao-de-rua-mas-nao-ha-dados-oficiais> Acessado em: 10 mai. 2021.